

ESPAÇOS CONURBADOS DE FRONTEIRAS NACIONAIS: “leituras” de jornais locais

MULLER, Karla Maria

Jornalista, Relações Públicas, Publicitária, Profa. do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação/ UFRGS. Me. em Comunicação/ PUCRS, Dra. em Ciência da Comunicação/ UNISINOS.

E-mail: kmmuller@orion.ufrgs.br

RESUMO

Analisar o fenômeno fronteira exige um exercício complexo, condição necessária para compreender as questões que envolvem as práticas sociais em curso, sobretudo nas áreas urbanas conurbadas e semi-conurbadas. Através da “leitura” da mídia impressa local é possível identificar elementos fundantes de uma cultura forjada nos pontos de contato entre distintas nações que habitam o mesmo ambiente no qual (inegavelmente) há uma identidade construída que se distingue de outras não-fronteiriças. A proposta do *paper* é trazer alguns índices presentes em jornais locais de fronteiras nacionais do Brasil com seus vizinhos - Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia -, para dar prosseguimento ao debate sobre quais podem ser consideradas as principais características e manifestações “visíveis” nos compromissos sociais, formadores da cultura e do “espírito” do lugar.

Palavras-chave: Cultura e identidade fronteiriça. Mídia e fronteira. Mídia impressa local.

1 APRESENTAÇÃO DO ESPAÇO

O Brasil, país de dimensões continentais, embora possua uma ampla faixa territorial em contato direto com o Atlântico Sul, limita-se com vários países da América Latina. Nestas fronteiras, a ligação se dá, muitas vezes, em áreas urbanas, nas quais a efervescência da vida e dos movimentos sociais ocorre de modo intenso.

Dependendo do país com o qual o Brasil faz fronteira, as relações se estabelecem de forma peculiar. Mesmo que se diga que há inúmeras semelhanças entre os povos que habitam o sul da América Latina, as diferenças culturais são marcantes. Tratar as fronteiras do Brasil com o Uruguai, a Argentina, o Paraguai e a Bolívia como se fossem iguais é visualizar esses pontos de contato com uma visão distorcida da realidade.

Parte-se do princípio de que as relações estabelecidas entre povos vizinhos se dão de acordo com seus antecedentes históricos, e suas condições atuais de trocas e de interesses. Como exemplo, podemos destacar a rivalidade existente entre brasileiros e argentinos, alardeada de vários modos, em diversos momentos, ao longo do tempo, e reforçada pelos meios de comunicação (JACKS; MACHADO; MÜLLER, 2004).

Fazemos aqui um recorte espacial para darmos início à discussão sobre elementos constitutivos de uma cultura e uma identidade fronteiriças. Tomamos como foco as cidades de Santana do Livramento e Rivera (fronteira do Brasil com o Uruguai), Uruguaiana e Paso de Los Libres (divisa do Brasil com a Argentina), Ponta Porã e Pedro Juan Caballero (limite do Brasil com o Paraguai), Corumbá e Puerto Quijaro (borda de contato do Brasil com a Bolívia). As duas primeiras cidades brasileiras estão localizadas no oeste do Rio Grande do Sul e as duas últimas no oeste do Mato Grosso do Sul. Temos assim dois estados brasileiros com a peculiaridade de estabelecerem divisas nacionais com dois países, compondo um grupo de quatro espaços com questões semelhantes,

mas também com profundas peculiaridades, no que tange às características de uma cultura e uma identidade que possam vir a ser consideradas como fronteiriças.

São espaços nos quais o local e o internacional se entrelaçam, estabelecendo vínculos e dinâmicas próprias, construídas e reforçadas pelo homem fronteiriço. Neles estão presentes as identidades e as culturas nacionais de cada um dos países envolvidos. Acreditamos que ali também é construída, reelaborada e constituída uma outra cultura e identidade diferenciada, capaz de dar conta da demanda específica do local.

Ao trilhar por ruas, praças, rios e pontes nas fronteiras em questão, passamos a experimentar distintos processos de interação e perceber práticas culturais e intercâmbios estabelecidos pelos moradores locais. As trocas entre lá e cá, as articulações entre o *eu* e o *eles*, as influências de ambos os lados e a consciência de um *nós* ultrapassam barreiras, cruzam limites, por vezes de modo silencioso e outras de forma gritante, dando concretude ao fenômeno fronteira, tornando-a “viva”, porosa, diluída, borrada e extremamente dinâmica a partir da ação do homem.

2 BREVES APORTES CONCEITUAIS

Para pensarmos um fenômeno social (no caso as fronteiras nacionais, mais do que geopolíticas ou de mercado), sua cultura e identidade, entendemos importante iniciarmos com uma rápida discussão sobre estes conceitos fundantes. O primeiro a ser abordado diz respeito ao entendimento que temos sobre fronteira.

Alguns aportes funcionam como guias para compreender o avanço conceitual de fronteira, entretanto, também é preciso levar em conta que, como as relações internacionais são redimensionadas, conseqüentemente, “vai mudando rápida e progressivamente o conceito tradicional de fronteira e as organizações espaciais vão se tornando cada vez mais internacionalizadas” (Lehnen; Jacobs; Copstein; Gonçalves, 1990, p. 162). Por exemplo, o conceito de zonas de fronteira, apresentado por Sarquis, traz uma visão um pouco mais condizente com o momento atual no que se refere aos espaços fronteiriços aqui selecionados. O autor as define como:

[...] amplas franjas territoriais de um lado e de outro das linhas de demarcação geográfico-políticas, no qual convivem populações com particularidades próprias que as diferenciam de outras partes dos territórios nacionais [...] (SARQUIS, 1996, p. 60).

O que surge em lugares como Uruguaiana-Libres, Corumbá-Puerto Quijaro e, principalmente, em Livramento-Rivera e Ponta Porã-Pedro Juan Caballejo, é o que pode ser denominado de fronteiras-vivas (PADRÓS, 1994), permeáveis, de tensão ou acumulação. São zonas isoladas e afastadas dos centros dinâmicos nacionais, com escasso e desigual desenvolvimento econômico com relação ao país, sem autonomia para tomar decisões locais, mas que têm recursos naturais pouco explorados e pouco

conhecidos. Possuem deficientes vias de comunicação e acesso e estão próximas de áreas de países vizinhos de conformação humana e geográfica semelhantes.

Nestes espaços, inexistem, com frequência, fronteiras-barreiras já que há ação e interação dos agentes fronteiriços, estimulando dinâmicas específicas informais. É indiscutível que os enlaces que ocorrem entre os pontos de contatos, principalmente urbanos, entre os países do Extremo Sul da América Latina propiciam interações. Tais fronteiras, como ressalta Grimson (2000), consideradas inter-estatais, não são naturais nem necessariamente produtos de acordos históricos que surgiram de relações de forças entre os Estados e suas relações com as populações locais; as identificações diferenciadas que surgem e se negociam na fronteira se vinculam a interesses das populações locais e as suas necessidades de organização social.

Assim como territórios, as fronteiras são fenômenos sociais portadores e reveladores de uma consciência socioespacial (BOSSÉ, 2004). Nos casos aqui citados, forja-se uma identidade regional fronteiriça, que tem a ver com o decorrer dos processos sócio-históricos e suas instituições, constitutivas de suas molduras e sua base, definidora de uma região e de seus símbolos.

Com relação aos conceitos de identidade e cultura, partimos do princípio de que nossas identidades são formadas a partir e na cultura em que estamos inseridos. No momento em que assumimos determinados valores, reproduzimos práticas específicas de determinado grupo, passando a considerá-los como “nosso grupo”. Passamos a nos ver como um de seus membros, aceitando-nos, mesmo que em parte de modo inconsciente, como pertencentes àquela cultura. Entretanto, temos que reconhecer que hoje nos constituímos de um mosaico identitário. Os elementos constitutivos predominantes têm relação direta com o espaço geográfico que habitamos, considerando o local, a cultura e os demais elementos que ditam a construção da identidade.

Pensar o fenômeno fronteira requer uma reflexão ampla que atenda vários fatores colocados de modo imbricado e que fazem parte das dinâmicas sociais de diferentes contextos. Ao definirmos um espaço específico para analisar tal fenômeno é fundamental acionar uma série de dispositivos que dêem conta da questão tratando-a como um processo. Trabalhar sob tal perspectiva pressupõe um engendramento entre os diversos campos que constituem o tecido social, em especial, o tecido social urbano, levando em conta a diferença, considerando que esta é essencial para o significado e que este é crucial à cultura (HALL, 2003).

Dentro desta teia, é primordial tratar os elementos constitutivos do contexto como a cultura, a identidade, as práticas definidas pelos grupos, sua bagagem histórica, suas bases econômicas, seus marcos de referencialidade, sua complexidade.

Com relação à cultura, pode-se dizer que ela é entendida como a produção de fenômenos que contribuem, mediante representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, na compreensão, reprodução ou transformação do sistema social. É o lugar no qual se representa nos sujeitos o que se passa na vida cotidiana, dando a possibilidade de criação de alternativas na busca de uma dimensão transformadora. Neste sentido, as práticas culturais podem servir de indicativos para reconhecermos uma cultura. Através de ações e (atuações) um determinado grupo se diferencia dos demais e isto se dá tanto de modo organizado e institucionalizado como também nos comportamentos ordinários (GARCÍA CANCLINI, 1990).

A cultura (assim como ideologia) é um dos conceitos mais difíceis, além de ser um imenso leque de definições, dentro das Ciências Sociais e Humanas. Por isso, a importância de focar a análise levando em conta as práticas culturais.

As coisas em si - como destaca Hall (1997a) - raramente têm significados únicos, fixos e intocáveis. O uso que fazemos das coisas, o pensar, o sentir, o dizer sobre elas, o modo como passamos a representá-las, é que lhes dão significado. Fazemos isto, em grande medida, a partir da interpretação que realizamos e da maneira como as incorporamos em nosso cotidiano; apesar deste tipo de procedimento nem sempre se dá de modo consciente. Por vezes passamos a reproduzir e reforçar conceitos, sem nos darmos conta, ou percebendo apenas parcialmente, que sentidos passam a ser mobilizados a partir das nossas práticas (BOURDIEU; EAGLETON 1996).

Tanto os fatos às claras quanto aqueles omitidos fazem parte da construção de significados estabelecidos nas práticas culturais específicas. Desta forma, todas as práticas sociais, na medida em que sejam relevantes para o significado ou requeiram significado para funcionarem, têm dimensão cultural (e ideológica). Para Hall (1997b), isto não significa que tudo é cultura, mas sim que toda prática social depende e tem relação estreita com o significado, ou seja, a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, e que toda prática social tem uma dimensão cultural.

Partilhando deste posicionamento, podemos destacar que estas práticas estão inseridas em contextos sócio-históricos, dentro dos quais determinadas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas por sujeitos e têm um significado para eles (THOMPSON, 1995). Neste processo estão envolvidas instituições específicas, por isso, para entendê-las, é fundamental levar em conta os elementos internos que as constituem, mas mais do que isso, o ambiente, as relações, os modos e técnicas empregados nas etapas do processo comunicativo, as relações de poder etc.

Podemos dizer que, seguindo Hall (1997b), a identidade emerge do diálogo entre os conceitos e definições representados pelos sujeitos, pelos discursos de uma cultura, pelos desejos de responder aos apelos feitos por estes significados, da ação de interpelação resultante destes, de assumir as posições de agentes construídas por discursos sobre uma determinada identidade. Nestes termos, nossas identidades são

ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências, únicas e peculiares, e, como sujeitos individuais, assumimos identidades formadas a partir e através da cultura.

Fica evidenciado que tanto as questões históricas como as geográficas afetam e participam desta construção. Por isso centramos nosso estudo no local, no modo mais específico, nas cidades, nos espaços onde se constituem as organizações - no dizer de Fischer (1997) - reais, palpáveis e permanentes, simbólicas, concretas e virtuais, transitórias, momentâneas, imaginárias, vistas como um todo, mais do que a soma das partes.

As cidades sustentam uma continuidade cultural; possibilitam dinâmicas que garantem a permanência ou apresentam transformações, que se dão através de movimentos integrados. A partir das cidades se imagina o local (GARCÍA CANCLINI, 2001). São pontos nodais de articulação entre o local, o nacional e o global, realizando um movimento complexo e intenso, colocando *vis-à-vis* situações opostas - a evolução tecnológica e os descompassos decorrentes dela, como o desemprego, a insegurança, a degradação ambiental etc.

Além dos elementos que fazem parte historicamente de nosso contexto e a partir das influências que nos revelam - por meio dos mais diferentes canais -, podemos aludir que hoje “vivemos um paradoxo de sermos/ termos mais de uma identidade ao mesmo tempo” (GARCÍA CANCLINI, 2001, p.18). Convivemos constantemente com as diferenças entre fusões-desgarramentos, por isso as tensões interculturais são hoje um dos objetos mais fecundos de investigação e uma oportunidade para construir sujeitos coletivos epolíticas abertas e democráticas.

3 PRÁTICAS CULTURAIS NA MÍDIA LOCAL

Um dos instrumentos de análise para identificar a formação identitária é a mídia. Mais do que reprodutores do que se passa no mundo, os meios de comunicação assumem, cada vez mais, o papel de sujeitos, inserindo-se como agentes, participando ativamente dos rumos tomados pela sociedade.

Podemos dizer que a informação local confunde-se com o sistema comunicacional institucionalizado que uma sociedade criou para si mesmo. Com relação à imprensa escrita e referindo-se à localidade, Tétu (1997) salienta que esta é menos geográfica e econômica que institucional. A prova mais manifesta de tal fato é que a informação toma por objeto homens integrados no sistema local; enquanto exclui aqueles que nele não interagem. O homem passa a ser visto através das instituições que representa, assume importância por meio de sua posição e, caso não tenha lugar representativo na estrutura das mesmas, será desconsiderado, ignorado.

Isto posto, a mídia torna-se elemento fundamental para definir e manter as estruturas vigentes. Através de mecanismos próprios de seu fazer, os meios de comunicação intervêm e “constroem” os acontecimentos. Podemos dizer que o discurso jornalístico é um metadiscurso, como se refere França (1997), um discurso que se constitui a partir de outros; não uma simples repetição, sua construção cria uma nova realidade. Na construção do acontecimento há uma profunda imbricação entre a palavra do veículo jornalístico e a palavra social. Essa palavra vai viabilizar um movimento de reconhecimento por parte da recepção e inscrever o veículo no seio da vida social, decidindo quem são os atores convidados, qual o cenário a ser apresentado, e, influenciando, participando dos movimentos em curso. Segundo Vizeu, no texto jornalístico “a linguagem não é apenas um campo de ação, mas sua dimensão constitutiva” (2005, p. 43). O autor afirma que é a condição pela qual o leitor (no caso da mídia impressa) constrói um real midiaticizado; o texto jornalístico é um ato de linguagem, desdobramento de um trabalho de transformação.

Para Charaudeau (1994), a mídia pode ser considerada como um instrumento de visibilidade social, produzindo informações que podem ser entendidas como fenômenos de formação de sentido. Ela assume o papel de um dos elementos constitutivos do espaço público. Através dela “passa” a realidade, mas é também nela que essa realidade se elabora.

É possível dizer que o transmitido através dos textos apresentados pelos meios de comunicação, em suas notícias, são (por princípio) um índice do real (TRAQUINA, 1993). Com suas características próprias, a linguagem jornalística intervém nas dinâmicas sociais. Como destaca Correia (2000), a narrativa jornalística desencadeia mecanismos que atingem e afetam a atividade dos agentes na aquisição e reforço dos conhecimentos e normas, através das quais se pauta a compreensão do mundo.

Por esta trilha iniciaremos a caminhada com o objetivo de decifrar o enigma que está por trás do fenômeno fronteira e que é vivenciado no cotidiano pelos povos viventes das bordas dos territórios nacionais. Nesses espaços peculiaridades destacam-se, trazendo à tona a singularidade de cada lugar. Por outro lado, elementos comuns às áreas de fronteira se apresentam, deixando transparecer o que pode ser considerado a cultura e a identidade fronteiriças, construídas nos campos sociais, presentes e reforçadas pela mídia local.

Para ilustrar a discussão, trazemos alguns elementos apresentados pela mídia impressa, produzida e em circulação em cidades da fronteira que apontam para índices das práticas culturais² que criam e reforça estes espaços como distintos, como fronteiriços.

a) A língua

Os periódicos locais utilizam a estratégia de naturalizar o uso das línguas mais faladas na região, isto é, apresentam textos em português e espanhol (ou castelhano, como

chamam o idioma os habitantes fronteiriços). Esta é uma prática aceita pelos leitores dos jornais produzidos localmente nos quatro espaços fronteiriços selecionados, ou seja, para o receptor - leitores dos jornais - há uma aceitação desta prática, usualmente empregada nas falas da população fronteiriça.

Trazemos como referência o Jornal da Praça, de Ponta Porã, que possui uma página em uma das línguas oficiais do país vizinho. Após a indicação da seção como Geral, vem a designação da cidade Pedro Juan Caballero (26/ fev/ 2004, p. 07). Na metade superior da página são veiculadas duas matérias referentes a esta cidade: "*Piden libertad de Ocho campesinos sin tierras detenidos en la cárcel regional*" e "*Intensa búsqueda por un lugar en colégios del estado*". A metade inferior é ocupada por um anúncio publicitário em português.

Na Folha de Corumbá, poucas expressões da língua falada pelos bolivianos são empregadas nos textos jornalísticos, mas, inevitavelmente, essas surgem nas matérias, principalmente nas que se referem a questões ligadas ao país, ou países vizinhos. Uma delas, "*Tren de las nubes*", presente na matéria intitulada "Argentina quer integrar trem a corredor turístico" (17/ abr/ 2004, p. 09). O texto fala da possibilidade da criação de uma linha férrea, que busca integrar os países do Cone Sul por meio do incentivo ao turismo na região.

No jornal A Platéia do mesmo dia (26/ fev/ 2004), publicado em Santana do Livramento, mas em circulação também em Rivera, verificam-se duas páginas com a seção designada "Espanhol". Nelas as matérias estão escritas na respectiva língua e falam sobre acontecimentos que ocorreram na cidade de Rivera ou outras vizinhas também uruguaias como a que traz o título "*Trío Eléctrico se impuso en carnaval 2004 de la frontera*" (p. 14).

Em todas as edições de O Jornal de Uruguaiana, a segunda página destina uma coluna para notas cuja denominação é *Sueltos* (como exemplo em 10/ jul/ 2004, p. 02). Neste espaço, são trazidos pequenos textos sobre acontecimentos de ambos os lados da linha divisória, envolvendo instituições e a população fronteiriça da região. Uma delas, "Rota com prejuízo", aborda um incidente envolvendo o trânsito de caminhões na ponte que liga Uruguaiana a Paso de Los Libres, cujo fluxo corresponde ao transporte de carga, principalmente do Brasil para a Argentina, mas também para outros países da América Latina, como o Chile.

b) Meio ambiente

Outro índice presente nos jornais fronteiriços analisados é o meio ambiente. "Viagem inesquecível de Cáceres a Corumbá" é o título de uma reportagem veiculada pela Folha de Corumbá (29/ mai/ 2004, p. 10) que valoriza o trajeto turístico entre as duas cidades brasileiras via transporte fluvial. O destaque fica por conta das belezas naturais

que a região do pantanal oferece, reforçando a ligação positiva entre ambas, através do rio Paraguai, que margeia as terras do Brasil, de um lado, e da Bolívia, do outro.

No Jornal da Praça (13-14/ mai/ 2004, Caderno 2, p. 01) a matéria intitulada “Ponta Porã terá Conselho Municipal de Meio Ambiente” apresenta a realidade vivida pelos municípios fronteiriços de modo geral que, distantes geograficamente dos centros de poder, têm dificuldades em resolver questões ligadas ao meio ambiente. Também é possível verificar em várias edições deste periódico, a veiculação de anúncios publicitários, nos quais fica clara a preocupação das autoridades (não apenas em nível local mas também estadual e nacional) no que diz respeito à preservação do meio ambiente com o título “Queimadas. Você não vai querer pagar por isso”. Numa dessas veiculações (31/jun- 1º/ mai/ 2004, p.5A), o anúncio ocupa a metade inferior da página e está publicado no espaço destinado a matérias referentes ao Paraguai, Pedro Juan Caballero.

Na seção Geral, com a cartola denominada Integração, A Platéia apresenta uma ação voltada para o meio ambiente, da qual participaram instituições de Livramento e Rivera. O título da matéria é “Saúde e meio ambiente são temas de parada ecológica” (05-06/ jun/ 2004, p. 13) e chama a atenção para a preocupação com o meio ambiente que deve ser tema de projetos educacionais para despertar a conscientização para a causa na população local de ambos os lados da linha divisória.

Uma das entidades ativas no que se refere ao meio ambiente é a Comissão Binacional de Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis Paso de Los Libres (AR) e Uruguaiana (BR). Na matéria “Entidades fazem apelo para implantação da ‘Operação Dourados’ no rio Uruguai”, O Jornal de Uruguaiana (10/ jul/ 2004, p. 05) dá destaque à preocupação desta e de outras instituições presentes em ambos os lados da fronteira, com respeito às questões envolvendo as agressões que vem sofrendo o rio que margeia os dois municípios e, conseqüentemente, afeta os moradores que vivem da pesca.

c) O imigrante árabe-palestino³

Evidencia-se a participação de árabes nos espaços fronteiriços do Brasil com os países vizinhos, Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia. Esse grupo de imigrantes e seus descendentes faz-se presente nos mais variados Campos Sociais e, como não poderia deixar de ser, ganha destaque na vida e nas páginas dos jornais locais. Sua voz e sua cultura passam a ter repercussão na comunidade, configurando-se efetivamente como elementos constitutivos da cultura e da identidade fronteiriças.

As marcas de suas origens são visíveis, demonstrando sua diferença religiosa, seus hábitos e costumes. Por outro lado, verifica-se que há “movimentos de aproximação” no que se refere à participação efetiva no cotidiano das cidades. São médicos, dentistas, empresários, advogados, esportistas, comerciantes, poetas etc. que, a partir das atividades que desempenham, contribuem com o desenvolvimento da

comunidade fronteiriça. Estão presentes tanto nas fronteiras gaúchas como na divisa do Brasil com outros países, como é o caso do estado sul mato-grossense.

Suas manifestações se dão no dia-a-dia, e a mídia local não pode negar que fazem parte do corpo e da alma do lugar. E isto não é de hoje, como é possível constatar nas edições dos jornais fronteiriços gaúchos e sul mato-grossenses. Isto possibilita concluir, mesmo que de modo preliminar, que este grupo de imigrantes e seus filhos, agora “filhos da terra”, têm a “preocupação” de manter vínculos com suas raízes identitárias, mas inevitavelmente passam também a serem e sentirem-se membros do grupo dos fronteiriços.

Verifica-se em exemplares de O Jornal de Uruguaiana, produzidos em 2004, a presença de membros da comunidade árabe-palestina como elementos ativos no espaço fronteiriço. Na coluna Social pode-se dizer que o grupo está perfeitamente integrado à fronteira (10/ julho/ 2004 - Social, p. 08); ou em informações da mesma seção Geral (22/ setembro/ 2004 - Geral, p. 06). Em ambos os casos fica evidenciado através dos “nomes” - Abad e Marsiaj - a origem dos sujeitos que fazem a vida local.

Percebe-se no discurso de A Platéia em uma pequena nota - “... Allan e Fábio Badra partem hoje para Aman na Jordânia, onde irão defender o país de origem de seus pais...” - os vínculos de membros da comunidade fronteiriça com outros países, bem como a condição de imigrante que ainda permanece viva, embora eles já habitem há vários anos as fronteiras brasileiras (24-25/fevereiro/ 2004 - Carnaval, p. 12). Em outro exemplar do jornal, o destaque fica para exaltar o bom desempenho dos descendentes deste grupo de imigrantes na vida social, bem como seu destaque em atividades profissionais importantes: “Parabéns para o excelente trabalho desenvolvido pelos médicos Ziad Badra, Juan O’Keefe e João Halex Har Rolim.” (06/ junho/ 2004 - Variedade, p. 22).

Num primeiro exercício de leitura, na mídia impressa local de Ponta Porã - Jornal da Praça - é possível verificar a presença de imigrantes árabes na comunidade fronteiriça desempenhando atividades profissionais “importantes”, participando da vida social e sendo denominados como “filhos da terra” (17-18/ abril/ 2004, - Caderno 2/ Alta Roda, p.1), ou mesmo na divulgação do nascimento de um novo membro: “Nascimento - FARID SALEM é nome do recém nascido dia 6 de maio, às 20:15 no Centro Médico de Ponta Porã...” (15-16/ maio/ 2004 - Caderno 2/ Alta Roda, p.1). Nestes dois últimos casos, já na condição de descendentes de árabes.

Na Folha de Corumbá, em exemplares de 2004, constata-se a presença de membros da comunidade árabe na vida social e econômica local, como sugere a legenda de uma foto: “Enfeitando a coluna essa semana a beleza e a graça da odontóloga, Lívia Pinheiro Sleiman.” (24/ janeiro/ 2004 - Cidade, p. 12). Isto se dá também através da inserção de membros deste grupo de imigrantes no campo político da cidade, como no

fato de destacar a atuação de “O vereador Mohamad Abdallah - PMDB...” (05/ junho/ 2004 - Resenha Legislativa, p. 03), em sua atuação na Câmara de Vereadores.

d) O discurso integracionista

Os movimentos de aproximação e distanciamento se sucedem paradoxalmente. Ações que definem a interação, e até mesmo a integração, entre os habitantes de ambos os lados das bordas nacionais são por vezes visíveis. Porém, em determinadas situações, é difícil detectar, através das práticas culturais colocadas em marcha, qual a real intenção dos grupos locais para garantir sua diferenciação como comunidade fronteiriça, ou seja, são invisíveis. Entretanto, em todos os jornais escolhidos para comporem a análise deste estudo que está em curso, é possível detectar marcas discursivas que reforçam a preocupação da população (e da mídia) local em exaltar os movimentos de integração levados pelos fronteiriços.

Exemplos deste processo de reforço que vai ao encontro de um desejo de integração estão nas páginas dos jornais gaúchos. Em A Platéia (2-3/ mai/2004 - Platéia em Espanhol, p. 39), uma das matérias, cujo título é “Brasil y Uruguay buscan integración desde la realidad local de frontera”, fica clara a posição dos moradores locais com relação aos movimentos integracionistas da população.

O mesmo pode ser verificado em O Jornal de Uruguiana (10/ jul/ 2004 - Geral/ Cidade, p. 24) quando traz para a discussão questões envolvendo o direito dos fronteiriços em realizar compras no país vizinho: “O Direito Universal do homem garante a liberdade de compra”.

Do mesmo modo, nos jornais brasileiros que circulam nas cidades sul mato-grossenses, esse sentimento mostra-se presente. Em O Jornal da Praça (03/ ago/ 2004 - Capa), vê-se o apelo dos brasileiros numa preocupação coletiva de auxiliar seus vizinhos em um momento de desgraça. Com a chamada “Tragédia em Assunção - Fronteira se mobiliza para atender vítimas” - percebe-se o surgimento de uma movimentação que surge a partir das fronteiras e se estende até a capital do estado, Campo Grande. O clamor envolve a população, autoridades e entidades locais, ampliando-se para as esferas estaduais e nacionais, num ritmo de solidariedade.

A Folha de Corumbá (1º/ mai/ 2004, p.07) mostra também a preocupação em discutir questões que envolvem as terras e as águas dos dois países presentes no espaço e que dizem respeito diretamente à fronteira: “Brasil e Bolívia discutem navegação na fronteira”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes foram alguns índices que retratam o papel da mídia impressa local fronteiriça em temáticas que reforçam práticas sociais envolvendo, inevitavelmente os habitantes e as instituições de ambos os lados das fronteiras nacionais, mas que têm relação estreita

com as causas do lugar. Tais temas aparecem nos quatro pontos de contato eleitos para a realização de uma pesquisa preocupada em encontrar aspectos que possam servir de referência para definir elementos constitutivos da cultura e da identidade fronteiriças. Outras temáticas também estão presentes nas páginas dos periódicos locais e poderiam ter sido selecionadas para a presente discussão. Entre elas podemos citar o Turismo, que, através do estímulo pela divulgação das belezas naturais e das peculiaridades que a fronteira oferece e se trabalhada como um fenômeno local, pode trazer benefícios para a região como um todo.

Devido ao grande número de gaúchos que migraram para o estado do Mato Grosso do Sul, percebe-se que o índice Tradicionalismo (ou Cultura Gaúcha) talvez também possa vir a ser trabalhado como um aspecto comum aos quatro espaços incluídos no recorte. A disseminação da cultura gaúcha, tanto de um lado como de outro da linha divisória que vai margeando o território brasileiro, é representativa. O que se verifica é a necessidade de respeitar as especificidades de cada um dos pontos analisados no que tange às práticas culturais dos gaúchos. Mas que, sem dúvida alguma, é um elemento a ser considerado.

Torna-se importante destacar que os índices aqui apresentados são trabalhados pela mídia local muito no sentido de reforçar os laços de integração dos povos envolvidos. Entretanto, não podemos negar que situações envolvendo crimes, como o tráfico de drogas, o abigeato, contrabando, roubos ou outros temas ligados à economia, como, por exemplo, a febre aftosa, ao cultivo da soja ou do arroz, são marcantes e delicados de serem abordados nos espaços dessas fronteiras nacionais, embora inevitáveis, pois também fazem parte do cotidiano, das práticas e dos processos sociais em curso nessas comunidades.

Embora haja quem discuta que hoje as fronteiras são, fundamentalmente, metáforas, presentes mais no imaginário do que no real, é inegável que existem fronteiras constituídas historicamente (GOLIN, 2002). Neste sentido, o cruzamento de informações provenientes de diferentes enfoques, pode definir com mais segurança os rumos e a criação de novos paradigmas que atendam as exigências do momento, no sentido de vislumbrar o fenômeno fronteira, observando a cultura e a identidade, consideradas “de fronteira”.

Acreditamos que pensar a fronteira solicita um exercício interpretativo complexo que seja capaz de compreender a dinamicidade e a rapidez com que se processam as relações estabelecidas entre os povos que habitam as linhas de divisa. Os movimentos de aproximação e distanciamento se sucedem paradoxalmente. Ações que definem a interação, e até mesmo a integração, entre os habitantes de ambos os lados das bordas nacionais são por vezes visíveis. Porém, em determinadas situações, é difícil detectar, através das práticas culturais colocadas em marcha, qual a real intenção dos

grupos locais para garantir sua diferenciação como comunidade fronteiriça, ou seja, são invisíveis ou ficam diluídas. Da mesma forma, a partir de estratégias acionadas, o diferencial é buscado no sentido de exaltar uma identidade nacional, distinta entre as nações que convivem lado a lado nas linhas de divisas nacionais.

Os jornais locais, ao adotarem modos e estratégias de operação muito próprios do fazer jornalístico, têm a capacidade de realizar exercícios que evitem a tensão entre os grupos locais. Dissimulando, deslocando, naturalizando etc. o sentido expresso nos seus textos, a mídia local não apenas traz para o leitor os acontecimentos que se desenrolam no tecido social do espaço fronteiriço, ela efetivamente participa das articulações e dos movimentos que fazem do espaço fronteiriço peculiar e “curioso”, auxiliando a criar, reforçar ou negar determinados conceitos.

Apontamos aqui alguns índices que poderão vir a se constituir em elementos sólidos para pensar os espaços de fronteira do Brasil com seus vizinhos próximos. Espera-se, ao final de uma discussão que apenas dá seus primeiros passos, definir características análogas que possam creditar aspectos comuns, conceituando e estabelecendo a composição do que pode ser entendido como uma cultura e uma identidade fronteiriças. Ao mesmo tempo, e no decorrer do processo investigativo, entende-se que ficarão estabelecidas algumas marcas culturais e identitárias estritamente ligadas a determinados pontos de contato nos espaços dessas fronteiras nacionais, tão complexas, misteriosas e atraentes.

ABSTRACT

The phenomenon of border demands a complex exercise in order to be analyzed, a necessary condition to understand the questions that involve happening social practices, specially in the conurbated and half-conurbated urban areas. Through the 'reading' of the local print media it is possible to identify grounding elements of a culture forged in the contact surfaces between distinct nations that inhabit the same surroundings, where (undeniably) there is a constructed identity distinguished from other not-frontiersmen's identities. This paper aims to bring some indexes present in local periodicals of the national borders of Brazil with its neighbors - Uruguay, Argentina, Paraguay and Bolivia -, to continue the debate on which are the main “visible” characteristics in manifestations of the social commitments, shapers of the culture and the 'spirit' of the place.

Keywords: Culture and bordering identity. Media and border. Local media printed.

RESUMEN

Analizar el fenómeno de la frontera exige hacer un ejercicio complejo. Condición necesaria para comprender las cuestiones que envuelven las prácticas sociales en curso,

sobre todo en las áreas urbanas conurbadas y semiconurbadas. A través de la lectura de la prensa local es posible identificar elementos fundantes de una cultura forjada en los puntos de contacto entre distintas naciones que habitan el mismo ambiente, en el cual (innegablemente) hay una identidad construida que se distingue de otras no-fronterizas. La propuesta de este *paper* consiste en traer algunos índices presentes en medios locales de fronteras nacionales del Brasil con sus vecinos: Uruguay, Argentina, Paraguay y Bolivia. Esto para proseguir el debate sobre cuales pueden ser consideradas las principales características y manifestaciones “visibles” en los compromisos sociales, como formadores de la cultura y del “espíritu” del lugar.

Palabras clave: Cultura e identidad fronteriza. Medios y frontera. Medios impresos locales.

REFERÊNCIAS

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural: algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 157-179.

BOURDIEU, Pierre; EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 265-278.

CHARAUDEAU, Patrick. Le contrat de communication de l'information médiatique. In: **Le Français dans le monde - Recherches et applications - médias: fouts et effets**, numero special. Paris: Hachette, Edicef, juil., 1994. p.08-19.

CORREIA, João. O poder do jornalismo e a mediação do espaço público. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Revista de Comunicação e Linguagens: jornalismo**. Lisboa, Relógio D'Água, p. 193-211, 2000.

FISCHER, Tânia. A cidade como teia organizacional. In: MOTTA, Fernando C. Prestes; CALDAS, Miguel P. (Orgs.). **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997. p. 254-269.

FRANÇA, Vera R. V. Construção jornalística e dizer social. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 483-497.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **La globalización imaginada**. Buenos Aires: Paidós, 2001.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. México: Grijalbo, 1990.

GOLIN, Tau (pseud.). **A fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina**. Porto Alegre: L&PM, 2002. v. 1.

GRIMSON, Alejandro. El puente que separó dos orillas: notas para una crítica del esencialismo de la hermandad. In: GRIMSON, Alejandro (Comp.). **Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro**. Buenos Aires: Ciccus-La Cruzía, 2000. p. 201-231.

MULLER, Karla Maria

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997a.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, v.22, n.2, p.15-45, 1997b.

JACKS, Nilda A.; MACHADO, Márcia B.; MÜLLER, Karla M. **Hermanos, pero no mucho: el periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

LEHNEM, Arno C.; JACOBS, Casimiro M.; COPSTEIN, Gisela; GONÇALVES, Jussara M. O espaço fronteira Brasil-Uruguaí. In: **Temas da integração latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 161-196.

MÜLLER, Karla M. Elementos constitutivos da cultura e da identidade fronteiriça: a condição do imigrante árabe-palestino na mídia local. Trabalho apresentado na **I Conferência Internacional sobre Imigrações Árabes para as Américas**. Corumbá: UFMS/ Campus de Corumbá, 2005.

MÜLLER, Karla M.; OLIVEIRA, Tito Carlos M. de. Integração Latino-americana: a partir e através da comunicação e das fronteiras. In: III Congreso Panamericano de Comunicación: integración comercial o diálogo cultural ante el desafío de la Sociedad de la Información. **Anais...** Buenos Aires: UBA, 2005a. 1 CD ROM.

MÜLLER, Karla M.; OLIVEIRA, Tito Carlos M. de. Identificação de elementos da cultura e da identidade apresentados pela mídia impressa na região de fronteira. In: XXVIII Congresso da INTERCOM: pesquisa e ensino de comunicação. **Anais ...** Rio de Janeiro: INTERCOM/ UERJ, 2005b. 1 CD-ROM.

PEREIRA JR., Alfredo E. Vizeu. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

PADRÓS, Enrique Serra. Fronteiras e integração fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 17, n. 1/ 2, p. 63-85, jan./fev. 1994.

SARQUIS, Patrícia. La educación en zonas de frontera: síntese de investigaciones realizadas en Argentina. In: TRINDADE, Aldema Menine; BEHARES, Luis Ernesto (Orgs.) **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996. p.57-79.

TÉTU, Jean-François. A informação local: espaço público local e suas mediações. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio D. (Org.) **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 431-448.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Veja, 1993.

Notas:

¹ Artigo apresentado no "Seminário Internacional Fronteiras Culturais: o Espaço Urbano", promovido pelo FFLCH/ USP, / Centro Ángel Rama, Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, Instituto Martius Staden e Cátedra de Brazilianística do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Livre de Berlim - São Paulo, outubro de 2005.

2 Como a pesquisa está em fase de coleta de dados e análise preliminar, alguns índices já foram levados para outros fóruns de discussão (MÜLLER; OLIVEIRA, 2005a), (MÜLLER; OLIVEIRA, 2005b) e outros passam a ser agregados com o desenvolvimento do trabalho investigativo.

3 Trabalho sobre a condição do imigrante árabe na mídia fronteiriça (MÜLLER, 2005) foi apresentado na I Conferência Internacional sobre Imigrações Árabes para as Américas (UFMS/ Campus de Corumbá/ outubro/ 2005).